

Ciência fantástica

Um passeio pelo Museu da Ciência de Londres leva à pergunta: o quanto a ficção científica pode ter inspirado a nossa realidade?

Ramon Vitral *

(Especial de Londres para a "A3")

Módulo lunar exposto no Museu da Ciência de Londres



Foto: <http://www.sciencemuseum.org.uk>



“Estrela da Morte”, estação de batalha Imperial, do tamanho de uma lua armada com superlaser destruidor de planetas, imaginada pelo cineasta George Lucas em sua saga “Star Wars”

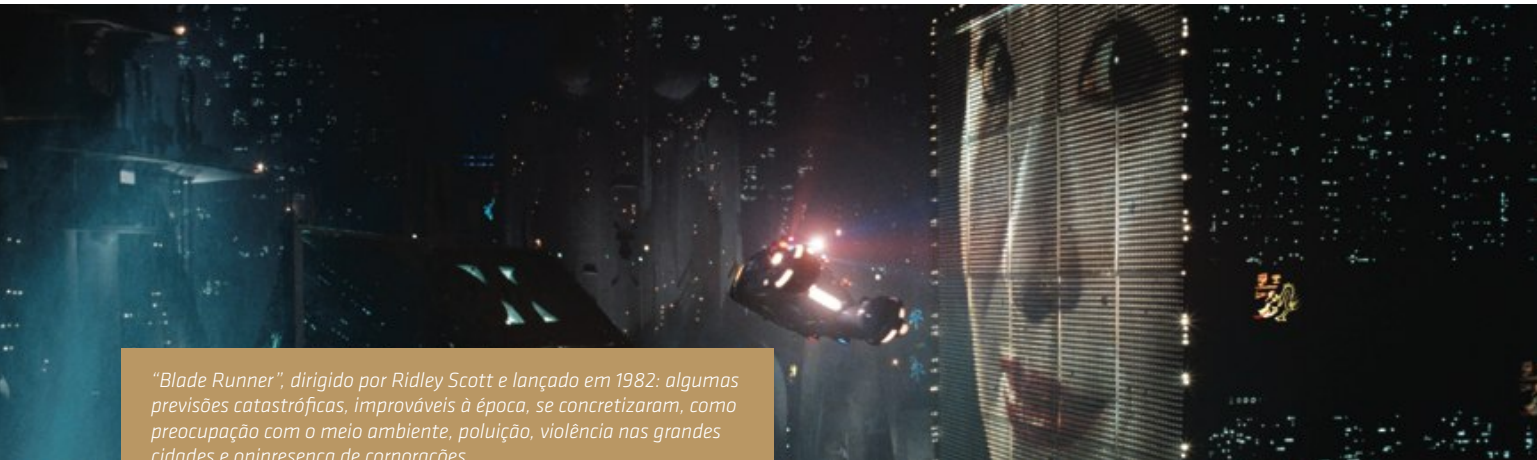
Imagine uma instalação científica de 27 quilômetros de circunferência instalada a 175 metros abaixo do nível do solo, construída a partir do conhecimento de mais de dez mil cientistas, capaz de gerar temperaturas mais altas que as registradas no sol e responder às perguntas mais primordiais da humanidade. A estrutura pode lembrar a grandiosidade da Estrela da Morte imaginada pelo cineasta George Lucas em sua saga “Star Wars”. Ou então, os propósitos do computador definitivo concebido por Douglas Adams na série de livros “O Guia do Mochileiro das Galáxias”. No entanto, o Grande Colisor de Hádrons existe na fronteira entre a França e a Suíça. Suas proporções e objetivos foram explorados em uma exposição temporária hospedada no subsolo do Museu da Ciência de Londres em 2014. Situada no andar subsolo da instituição entre novembro de 2013 e maio de 2014, a exposição será recriada no Museu da Ciência e Indústria de Manchester até o final de setembro. A estrutura da mostra reitera aos visitantes a veracidade de uma das principais obras científicas da história da humanidade. São salas repletas de painéis, fotografias, documentos e peças comprovando a existência do Grande Colisor de Hádrons, uma obra digna da mais criativa das ficções científicas. Aliás, poderia o gênero servir de referência para a ciência?

“É perfeitamente possível, mas as ideias da ficção geralmente requerem um bom trabalho de refinamento antes de se tornarem cientificamente viáveis”, diz o escritor de ficção científica e colunista da revista “Galileu” e do Jornal da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Carlos Orsi. “Talvez o melhor seja dizer que a ficção em geral não oferece ideias e conceitos prontos, mas inspirações. Por exemplo, pelo menos dois ganhadores do Nobel de Economia já se declararam inspirados a seguir uma carreira em Ciências Sociais graças à leitura da série ‘Fundação’, de Isaac Asimov”, conta o autor. Os dois vencedores do Nobel são Roger Myerson e Paul Krugman – ganhadores do prêmio de Economia em 2007 e 2008, respectivamente.

O acervo permanente do museu londrino apenas reforça a teoria de Orsi. Próxima a uma pedra trazida da Lua a bordo da Apollo 15 em 1971 e ao uniforme de um astronauta da tripulação, está a reprodução de uma página de uma história em quadrinho britânica protagonizada pelo herói Dan Dare. Criado em 1950, o personagem era um piloto com aventuras ambientadas por todo o sistema solar. Suas vestimentas e naves lembram muito as utilizadas pelos astronautas da Nasa em suas viagens espaciais.

Professor de História e Teoria do Cinema no Instituto de Artes e Design (IAD) e no Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) entre 2009 e 2013, Alfredo Luiz Suppia reforça a relação entre a ciência e a ficção pelo cinema: “Eu acredito que filmes são influenciados pela ciência e tecnologia e, ao mesmo tempo, influenciam cientistas e tecnólogos num mecanismo de retroalimentação”. Suppia também cita outra forma de relação entre as duas áreas. “No livro ‘Lab Coats in Hollywood: Science, Scientists, and Cinema’, o escritor David Kirby investiga as relações entre o cinema de entretenimento e a ciência, propondo o conceito de ‘protótipos diegéticos’, isto é, o cinema como ‘laboratório’ de ideias científicas e tecnológicas, ou interface de divulgação de ideias científicas junto ao grande público”.

Com um conselho administrativo composto por nomes como Larry Page (fundador do Google); James Cameron (diretor dos filmes “Avatar” e “Titanic”); e Ariana Huffington (dona do portal The Huffington Post); a X Prize Foundation propõe recompensas milionárias para tecnologias e inovações científicas que melhorem a humanidade. Uma das premiações ainda em aberto vai dar U\$ 10 milhões para os inventores que conseguirem criar um aparelho de funções idênticas ao Tricorder da série “Jornada nas Estrelas”, uma espécie de escâner portátil capaz de identificar todos os problemas no corpo de uma pessoa.



“Blade Runner”, dirigido por Ridley Scott e lançado em 1982: algumas previsões catastróficas, improváveis à época, se concretizaram, como preocupação com o meio ambiente, poluição, violência nas grandes cidades e onipresença de corporações

ESPECIALISTAS ELEGEM AS OBRAS MAIS CÉLEBRES

Alexandre Matias (dono do site Trabalho Sujo)

“Prefiro ‘2001- uma odisseia no espaço’ a ‘Blade Runner’, claro, mas acho que são duas obras que servem como os melhores exemplos para essa relação. ‘2001’ foi feito por Kubrick em contato com as tecnologias que estavam realmente sendo desenvolvidas pelas empresas mostradas no filme que abriram seus departamentos de pesquisa e desenvolvimento para pensar no futuro imaginado pelo filme. Mas o futuro de ‘2001’ não foi o futuro em ‘2001’, e muitas de suas previsões ainda estão longe de acontecer - embora o filme tenha sido importantíssimo para nossa noção de futuro, principalmente por ter sido lançado antes de o homem chegar à Lua. Era como se o filme justificasse a Nasa. Já ‘Blade Runner’ foi feito a partir de previsões catastróficas e improváveis à época em que foi lançado, muitas delas hoje parte de nossa realidade, como a preocupação com o meio ambiente, a poluição e a violência nas grandes cidades e a onipresença das corporações - ainda que todas as empresas citadas em ‘Blade Runner’ tenham falido ou deixado de ser importantes. E, como ‘2001’ uma década e meia antes, ajudou a reinventar nossa noção de futuro mais uma vez.”

Alfredo Luiz Suppia (professor e pesquisador especialista em ficção científica)

“Dentre os autores americanos gosto muito de Ray Bradbury e Philip K. Dick. O primeiro pela força de sua poética, sua capacidade de gerar ambientes e situações poderosamente estranhas e fascinantes, como em seus contos ‘The Sound of Thunder’, ‘The Pedestrian’ e ‘The Fog Horn’, ou ainda romances como ‘Fahrenheit 451’. O segundo pela criatividade e espessura de suas criações, seu vasto imaginário por vezes caótico, mas sempre muito à frente de seu tempo. Dentre os brasileiros gosto de Roberto Causo, autor da novela ‘O Par’, e de Gerson Lodi-Ribeiro, autor do conto de história alternativa ‘A Ética da Traição’. Mas é difícil dizer, também há a americana Ursula K. LeGuin, simplesmente genial.”

Edson Eduardo Reinehr (professor de Física do Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF)

“Gostaria de fazer uma provocação bastante heterodoxa. Talvez um dos mais importantes romances de ficção científica seja o ‘Finnegan’s Wake’, de James Joyce. Aparentemente, não há nada ali que nos remeta ao cenário de ficção científica, mas ele antecipou com grande criatividade o modo como possivelmente as pessoas se comunicarão quando estiverem conectadas pelo cérebro. Nossas comunicações nas redes sociais já começam a se assemelhar a isso. ‘Finnegan’s Wake’ é um romance a ser lido e entendido por leitores de uma sociedade pós-tipográfica, para a qual estamos nos direcionando aceleradamente. O crítico Andrzej Duszenko aponta, inclusive, um grande paralelismo entre a linguagem do livro e a lógica da Física Quântica e da Relatividade.”

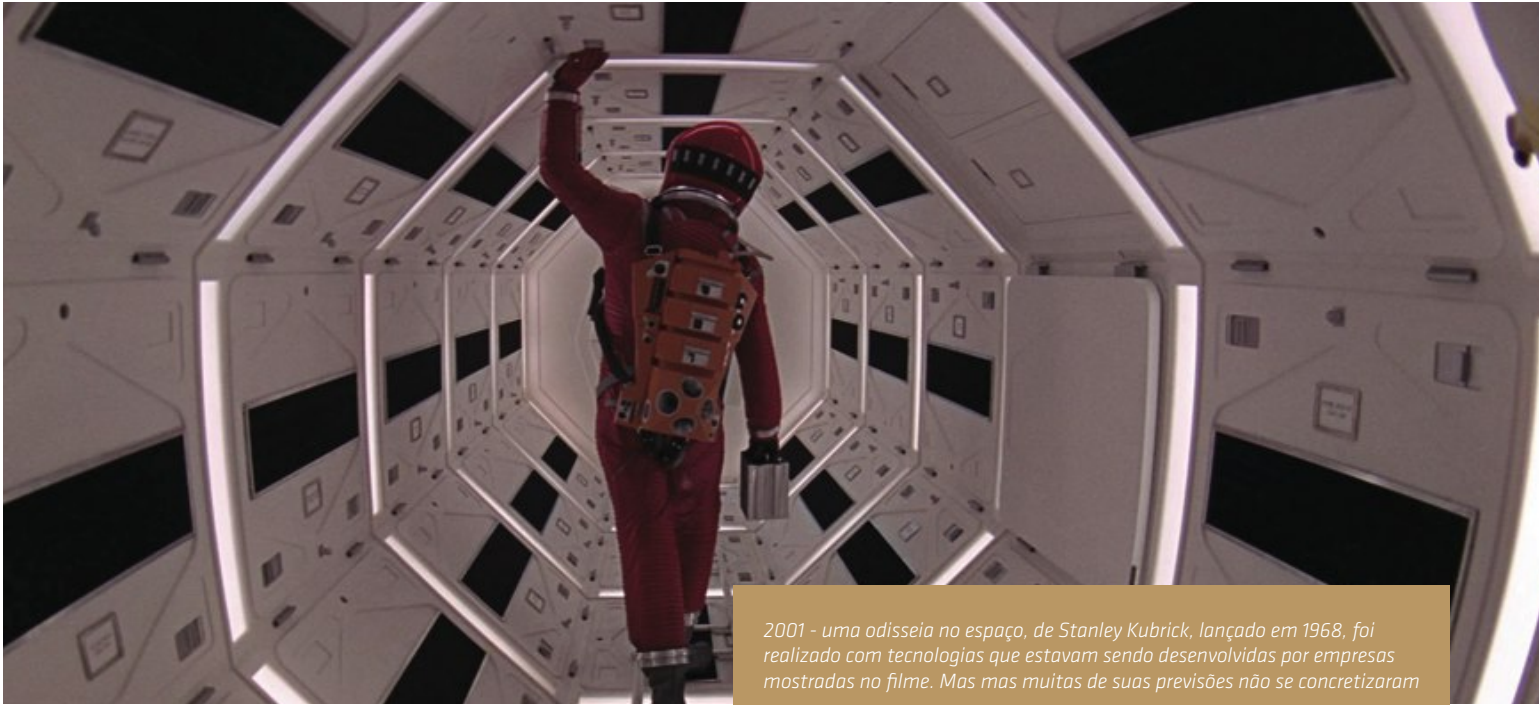
Dono do site Trabalho Sujo (www.trabalhosujo.com.br) e ex-editor do caderno “Link” do jornal “O Estado de S. Paulo” e ex-diretor de Redação da revista “Galileu”, o jornalista Alexandre Matias cita a competição como outro exemplo da relação entre ciência e cultura. Mas ele vai além. “Essa comparação vale para a arte em relação à vida, não só a esse gênero específico. Há boas ideias de ficção científica que até hoje norteiam os cientistas - desde o Tricorder da X-Prize Foundation, quanto a conceitos clássicos como vida no fundo do mar e em outros planetas, teletransporte, miniaturização, inteligência artificial, robótica, viagens espaciais e dimensões paralelas.”

“As obras de Julio Verne são campeãs nesse quesito, pois ele estava a par da ciência de seu tempo e essa ciência estava em fase madura para gerar as tecnologias que ela mesma prescrevia”, opina o professor de Física do Colégio de Aplicação João XXIII e membro da equipe de pesquisadores em

divulgação científica do Centro de Ciência da UFJF, Edson Eduardo Reinehr. O professor lembra uma das principais causas de conceitos de obras de ficção que se tornaram datados e pouco críveis: “Devido à rapidez com que a ciência constrói novas realidades, nós não percebemos que o futuro nos atropela”.

O jornalista Alexandre Matias reforça a crença de Reinehr: “O problema é que o avanço das tecnologias é tão rápido hoje em dia que é difícil até para os autores acompanhá-las. E uma nova tecnologia inventada e popularizada pode invalidar futuros completamente diferentes. Veja toda produção de ficção científica do século 20 - sem a internet, cada um desses futuros possíveis ficou datado, virou filme de época, mesmo que se passe em uma época muito distante da atual”.

Autor de livros e contos de ficção científica, Carlos Orsi explica como utiliza



2001 - uma odisseia no espaço, de Stanley Kubrick, lançado em 1968, foi realizado com tecnologias que estavam sendo desenvolvidas por empresas mostradas no filme. Mas muitas de suas previsões não se concretizaram

SONHOS DE CONSUMO

O jornalista especializado em ciência e autor de ficção científica Carlos Orsi listou algumas tecnologias presentes em livros que ele gostaria de ver materializadas em um futuro próximo.

- O sistema "Witness", que aparece no romance "Distress", de Greg Egan. Ele é implantado no corpo de um jornalista, grava, quando ativado, tudo o que ele vê, ouve e diz, num formato que permite edição e transcrição posterior. É meu sonho de consumo profissional!

- A nanotecnologia do conto "Nano Comes to Clifford Falls", de Nancy Kress. Nessa história, sistemas nanotecnológicos são capazes de converter matéria ordinária em virtualmente qualquer coisa, o que elimina a necessidade econômica de trabalho. Com isso, todas as pessoas tornam-se livres para fazer o que quiserem com seu tempo.

- Teletransporte. Essa é uma tecnologia que nenhum de nós provavelmente viverá para ver, mas dadas as condições de trânsito hoje em dia, e as filas nos aeroportos, não custa sonhar. Uma das primeiras histórias de ficção científica a usar esse tema foi "The Disintegration Machine", de Arthur Conan Doyle.

o presente durante a produção de seus trabalhos. "A realidade geralmente estimula cenários de especulação social ('se tal tendência da sociedade moderna continuar, como será o futuro?')". Ele conta ser influenciado principalmente em dois aspectos: "Isso geralmente, no meu caso, manifesta minha preocupação com a crescente influência da religião na política, como fica claro no meu romance 'Guerra Justa'. Já a especulação científica vai mais à linha de imaginar 'e se tal teoria estiver certa? e se tal tecnologia realmente surgir?' Esse tipo de especulação pode abarcar até conceitos pseudocientíficos (por exemplo, 'como seria o mundo se a astrologia funcionasse de verdade?')".

De volta ao Museu da Ciência de Londres, muitas das perguntas espalhadas por suas paredes e painéis já foram respondidas por filmes, livros e histórias em quadrinhos. São questões como, "Podemos visitar outros planetas?" e

"Um dia será possível vivermos no espaço?". Apenas algumas das muitas dúvidas que obras de ficção científica já responderam sem pestanejar. E assim como elas, outras ideias foram certas em relação à realidade.

"'Jornada nas Estrelas' antecipou os telecomunicadores, presentes ainda antes em 'Dick Tracy'. 'Robocop' imaginou a privatização da polícia e dos exércitos, um dos temas mais importantes de hoje em dia, além da espetacularização da mídia", resalta Alexandre Matias. "'O Exterminador do Futuro' nos trouxe a ideia dos computadores interligados por rede que podem desenvolver uma consciência coletiva própria, algo próximo do que o Google quer fazer com seus enormes servidores. Resta torcer para que eles não nos considerem descartáveis ou como fonte de energia, como em 'Matrix'", torce o jornalista.

* **Ramon Vitral** é jornalista formado no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Mora em Londres e atua como freelancer para os jornais "O Globo"; "O Estado de S. Paulo"; e "Folha de São Paulo"; e revista "Galileu". Já trabalhou nas redações dos jornais "O Estado de S. Paulo"; "Panorama" e "JF Hoje"; e na "Rádio Panorama". Mantém o site www.oesquema.com.br/vitralizado